



Candelária *em palavras*



Agosto/2022 • Edição 208 • Ano 19 • www.nscandelaria.org.br • Diocese de Santo André

Mês Vocacional





Palavra do Pároco

Por: Padre Felipe Cosme Damião Sobrinho

Vocação para caminhar juntos

Caríssimos paroquianos e amigos, o mês de agosto é conhecido tradicionalmente como mês vocacional. A vida, dom maior, é chamado à felicidade total, onde compreendemos que todos somos imagem de Deus, filhos amados e irmãos.

A partir desse caminho de conscientização, na fé vamos aprendendo que Deus concedeu um chamado específico que deve ser trabalhado, forjado no amor e na esperança. Entramos no campo em que nos descobrimos membros de uma diversidade que, no dinamismo da Trindade, pode viver a mais bela comunhão.

Somos chamados à comunhão, trilhando um caminho fértil de chamado, escuta e resposta generosas. Somos Igreja, Povo de Deus a serviço da vida em abundância, somos Família de Deus para fazer Família toda a humanidade. Estamos e devemos sempre estar a serviço.

Quando Jesus chamou os primeiros discípulos, mostrou a eles o campo vasto do mundo e, ensinando em parábolas, inseriu a todos no projeto do Reino de Deus. No campo vasto dos nossos tempos tão intolerantes, dentro e fora da Igreja, a metodologia do Mestre-Deus-Irmão quer nos ensinar a criar novos laços, no caminho indispensável do diálogo e da reconciliação. Uma vocação cristã bem vivida não reprime, ao contrário, liberta, integra e faz viver, faz com que, no meio do mundo, outros se descubram amados e chamados.

Nesse caminho sinodal que toda a Igreja vem trilhando em meio a pedras, espinhos e terrenos férteis, cada batizado tem a feliz responsabilidade a viver o amor de Deus onde quer que se encontre, com a metodologia do Jesus acolhedor, reflexivo e pacificador. Todos nós temos a responsabilidade batismal de construir uma Igreja mais humana em vista de um mundo mais humano, como deseja o Senhor: “Que todos sejam um” (Jo 17,21).

Celebraremos com alegria a Semana Nacional da Família e a peregrinação do ícone do Bom Pastor como família-comunidade. Teremos dias de encontro, celebração e partilha. Contamos com a presença alegre e ativa de todos, indistintamente. Como irmãos, conscientes da missão, vamos nos esforçar e estar juntos e enriquecer nossa paróquia para novos rumos de evangelização, como pede a Constituição Sinodal da nossa Diocese de Santo André.

No caminho do discernimento e da resposta vocacional, Maria nos ensina a viver tudo com generosidade. Peçamos sua intercessão maternal, para que não tenhamos medo de “avançar para águas mais profundas” (Lc 5,4).

Meu abraço fraterno e desejo de muitas bênçãos,

Pe. Felipe Cosme Damião Sobrinho, pároco

Liberal Contábil



Especializada na área da saúde

Fone: 4229-0500

www.liberalcontabil.com.br
contato@liberalcontabil.com.br



ENTREGAS RÁPIDAS
ABC, Interior e Litoral

Peça sua entrega pelos números

(11) 4220.4088

 (11)94025.7920

Palavra do Papa



Viagem apostólica do Papa Francisco ao Canadá (24-30 de julho de 2022)

Amados irmãos Bispos, caros sacerdotes e diáconos, consagrados, consagradas e seminaristas, agentes pastorais, boa tarde! Agradeço a D. Raymond Poisson as palavras de boas-vindas que me dirigiu e saúdo a todos vós, especialmente quantos tiveram de percorrer um longo caminho para chegar: as distâncias no vosso país são verdadeiramente grandes! Por isso, obrigado! Estou feliz por vos encontrar.

É significativo o nosso encontro nesta Basílica de Notre-Dame do Québec, catedral desta Igreja particular e sede primacial do Canadá, cujo primeiro Bispo, São Francisco de Laval, abriu o Seminário em 1633 tendo-se ocupado, durante todo o seu ministério, da formação dos presbíteros. E dos presbíteros, isto é, dos «anciãos» falou-nos a Leitura Breve que acabámos de ouvir. Assim nos exortou São Pedro: «Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, governando-o não à força, mas de boa vontade» (1 Ped 5, 2). Enquanto estamos aqui reunidos como Povo de Deus, recordemo-nos de que Jesus é o Pastor da nossa vida, que cuida de nós porque nos ama de verdade. A nós, pastores da Igreja, é pedida esta mesma generosidade no pastoreio do rebanho, para que se possa manifestar a solicitude de Jesus por todos e a sua paixão pelas feridas de cada um.

E precisamente porque somos sinal de Cristo, o apóstolo Pedro exorta-nos: Apascentai o rebanho, guiai-o, não deixeis que se extravie enquanto vos ocupais dos próprios afazeres. Cuidai dele com dedicação e ternura. E – acrescenta – fazei-o «de boa vontade», e não à força: não como um dever, não como assalariados religiosos ou funcionários do sagrado, mas com coração de pastores, com entusiasmo. Se olharmos mais para Ele, o Bom Pastor, do que para nós mesmos, descobrimos que somos guardados com ternura, sentimos a proximidade de Deus. Daqui nasce a alegria do ministério e, ainda antes, a alegria da fé: não de ver aquilo que somos capazes de fazer, mas de saber que Deus está próximo, que nos amou primeiro e nos acompanha todos os dias.

Esta, irmãos e irmãs, é a nossa alegria: não uma alegria fácil, como aquela que o mundo às vezes nos oferece iludindo-nos com fogos de artifício; esta alegria não está ligada a riquezas nem seguranças; nem sequer está ligada à persuasão de que tudo nos correrá sempre bem na vida, sem cruzes nem problemas. Antes, a alegria cristã está unida a uma experiência de paz, que permanece no coração mesmo quando somos atingidos por dificuldades e aflições, porque sabemos que não estamos sozinhos, mas acompanhados por um Deus que não fica indiferente à nossa sorte. Como quando o mar está agitado: à superfície é tempestuoso, mas em profundidade permanece calmo e tranquilo. Assim é a alegria cristã: um dom gratuito, a certeza de saber que somos amados, sustentados e abraçados por Cristo em cada situação da vida. Porque é Ele que nos liberta do egoísmo e do pecado, da tristeza da solidão, do vazio interior e do medo, dando-nos um olhar novo sobre a vida, um olhar novo sobre a história: «Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria» (Francisco, Exort. ap. Evangelii gaudium, 1).

Então podemos interrogar-nos: Como vai a nossa alegria? Como vai a minha alegria? A nossa Igreja expressa a alegria do Evangelho? Nas nossas comunidades, existe uma fé que atrai pela alegria que comunica?

Se quisermos abordar estas questões na sua raiz, não podemos deixar de refletir sobre o que, na realidade do nosso tempo, ameaça a alegria da fé com o risco de a obscurecer, pondo seriamente em crise a experiência cristã. Pensa-se imediatamente na secularização, que já há muito transformou o estilo de vida das mulheres e homens de hoje, deixando Deus quase no último lugar. Parece que Ele desapareceu do horizonte, que a sua Palavra já não se assemelha a uma bússola de orientação para a vida, para as opções fundamentais, para as relações humanas e sociais. Desde já, porém, há que fazer um esclarecimento: quando observamos a cultura em que estamos imersos, as suas linguagens e os seus símbolos, é preciso estarmos atentos para não ficar prisioneiros do pessimismo e do ressentimento, deixando-nos cair em juízos negativos ou em inúteis nostalgias. Com efeito são possíveis dois olhares a respeito do mundo em que vivemos: um, chamá-lo-ia «olhar negativo»; o outro, «olhar que discerne».

O primeiro, o olhar negativo, nasce com frequência duma fé que, sentindo-se atacada, considera-se como uma espécie de «armadura» para se defender do mundo. Com amargura, acusa a realidade dizendo: «O mundo é mau, reina o pecado», e assim corre o risco de se revestir dum «espírito de cruzada». Tenhamos cuidado com isto, porque não é cristão; efetiva-

mente não é o modo como atua Deus, o Qual – assim no-lo recorda o Evangelho – «tanto amou o mundo, que lhe entregou o seu Filho unigénito, a fim de que todo o que n'Ele crê não se perca, mas tenha a vida eterna» (Jo 3, 16). O Senhor, que detesta o mundanismo e tem um olhar bom sobre o mundo. Abençoa a nossa vida, bendiz-nos a nós e à nossa realidade, encarna-Se nas situações da história, não para condenar, mas para fazer germinar a semente do Reino precisamente onde parecem triunfar as trevas. Se, pelo contrário, nos detivermos num olhar negativo, acabaremos por negar a encarnação, porque fugiremos da realidade, em vez de nos encarnarmos nela. Fechar-nos-emos em nós mesmos, choraremos as nossas perdas, lamentar-nos-emos continuamente e cairemos na tristeza e no pessimismo: tristeza e pessimismo que nunca vêm de Deus. Em vez disso, somos chamados a ter um olhar semelhante ao de Deus, que sabe distinguir o bem e é obstinado a procurá-lo, vê-lo e alimentá-lo. Não é um olhar ingénuo, mas um olhar que discerne a realidade.

Para afinar o nosso discernimento sobre o mundo secularizado, deixemo-nos inspirar pelo que escreveu São Paulo VI na *Evangelii nuntiandi*, Exortação apostólica ainda hoje plenamente atual: para ele, a secularização é «o esforço, em si mesmo justo e legítimo e não absolutamente incompatível com a fé ou com a religião» (Exort. ap. *Evangelii nuntiandi*, 55), por descobrir as leis da realidade e da própria vida humana estabelecidas pelo Criador. De facto, Deus não nos quer escravos, mas filhos, não quer decidir no nosso lugar, nem oprimir-nos com um poder sacro num mundo governado por leis religiosas. Não! Ele criou-nos livres e pede-nos para sermos pessoas adultas, pessoas responsáveis na vida e na sociedade. Coisa diversa – distinguia São Paulo VI – é o secularismo, uma conceção de vida que separa completamente do vínculo com o Criador, de tal modo que Deus Se torna «supérfluo e embaraçante» e se geram «novas formas de ateísmo», subdolosas e as mais variadas: «uma civilização do consumo, o hedonismo erigido em valor supremo, uma ambição de poder e predomínio, discriminações de todo o género» (Ibidem). Compete-nos a nós, como Igreja e sobretudo como pastores do Povo de Deus, como pastores, como consagradas e consagrados, como seminaristas e como agentes pastorais, saber fazer estas distinções, discernir. Se cedermos ao olhar negativo e julgarmos de forma superficial, arriscamo-nos a fazer passar uma mensagem errada, como se, por trás da crítica da secularização, houvesse da nossa parte a nostalgia dum mundo sacralizado, dum mundo doutros tempos onde a Igreja e os seus ministros tinham mais poder e relevância social. E esta é uma perspetiva errada.

Ao contrário, como observa um grande estudioso destes temas, o problema da secularização, para nós cristãos, não deve ser o da menor relevância social da Igreja ou da perda de riquezas materiais e privilégios; antes, aquela pede-nos para refletir sobre as mudanças da sociedade, que influíram sobre o modo como as pessoas pensam e organizam a vida. Se nos debruçarmos sobre este aspeto, damo-nos conta de não ser a fé que está em crise, mas certas formas e modos com que a anunciamos. Por isso a secularização é um desafio para a nossa imaginação pastoral, é «a ocasião para a recomposição da vida espiritual em novas formas e para novas maneiras de existir» (C. Taylor, *A Secular Age*, Cambridge 2007, 437). Assim, o olhar que discerne, ao mesmo tempo que nos mostra as dificuldades que temos na transmissão da alegria da fé, estimula-nos a encontrar uma nova paixão pela evangelização, procurar novas linguagens, mudar algumas prioridades pastorais, ir ao essencial.

Queridos irmãos e irmãs, há necessidade de anunciar o Evangelho, para dar aos homens e mulheres de hoje a alegria da fé. Mas este anúncio não se realiza primariamente por palavras, mas através dum testemunho transbordante de amor gratuito, como Deus faz connosco. É um anúncio que pede para se encarnar num estilo de vida pessoal e eclesial que possa fazer reacender o desejo do Senhor, infundir esperança, transmitir confiança e credibilidade. A propósito disto permiti que vos proponha, com espírito fraterno, três desafios, que podereis desenvolver na oração e no serviço pastoral.

O primeiro desafio: fazer Jesus conhecido. Nos desertos espirituais do nosso tempo, gerados pelo secularismo e pela indiferença, é necessário voltar ao primeiro anúncio. Repito: é necessário voltar ao primeiro anúncio. Não podemos presumir de comunicar a alegria da fé apresentando aspetos secundários a quem ainda não abraçou o Senhor na vida, ou então só repetindo algumas práticas ou copiando formas pastorais do passado. É preciso encontrar novos caminhos para anunciar o coração do Evangelho a quantos ainda não encontraram Cristo. Isto pressupõe uma criatividade pastoral para chegar até às pessoas onde elas vivem, não esperando que sejam elas a vir até nós – lá onde vivem! – encontrando ocasiões de escuta, diálogo e encontro. Precisamos de voltar ao essencial, precisamos de voltar ao entusiasmo dos Atos dos Apóstolos, à beleza de nos sentirmos instrumentos da fecundidade do Espírito hoje. Precisamos de voltar à Galileia. É o encontro com Jesus Ressuscitado: voltar à Galileia para – permiti a expressão – recomeçar depois do fracasso. Voltar à Galileia. E cada um de nós tem a sua própria “Galileia”, aquela do primeiro anúncio. Precisamos de recuperar esta memória.

Mas, para anunciar o Evangelho, é preciso também sermos credíveis. E aqui está o segundo desafio: o testemunho. Anuncia-se o Evangelho de modo eficaz quando é a vida que fala, que revela aquela liberdade que faz livres os outros, aquela compaixão que nada pede em troca, aquela misericórdia que fala de Cristo sem palavras. A Igreja no Canadá começou um percurso novo depois de ter sido ferida e transtornada pelo mal perpetrado por alguns dos seus filhos. Penso em particular nos abusos sexuais cometidos contra menores e pessoas vulneráveis, escândalos que exigem ações fortes e uma luta irreversível. Quero, juntamente convosco, voltar a pedir perdão a todas as vítimas. O pesar e a vergonha que sentimos devem tornar-se ocasião de conversão: que nunca mais aconteçam!

E, pensando no caminho de cura e reconciliação com os irmãos e irmãs indígenas, que nunca mais a comunidade cristã se deixe contaminar pela ideia da superioridade duma cultura sobre as outras e da legitimidade de usar meios de coação em relação aos outros. Recuperemos o ardor missionário do vosso primeiro Bispo, São Francisco de Laval, que arremeteu contra todos aqueles que degradavam os nativos, induzindo-os a consumir bebidas para os trufarem. Não permitamos que nenhuma ideologia aliene e confunda os estilos e as formas de vida dos nossos povos procurando demovê-los e dominá-los. Que os novos progressos da humanidade sejam assimiláveis nas suas identidades culturais com as chaves da cultura.

Mas, para derrotar esta cultura da exclusão, é preciso começarmos por nós: que os pastores não se sintam superiores aos irmãos e irmãs do Povo de Deus; que os consagrados vivam a fraternidade e a liberdade na obediência em comunidade; que os seminaristas estejam dispostos a ser servidores dóceis e disponíveis e que os agentes pastorais não vejam o seu serviço como poder. Começa-se daqui. Vós sois os protagonistas e os construtores duma Igreja diferente: humilde, mansa, misericordiosa, uma Igreja que acompanha os processos, que trabalha decidida e serenamente na inculturação, que valoriza cada um e cada diversidade cultural e religiosa. Demos este testemunho!

Finalmente, o terceiro desafio: a fraternidade. Primeiro, fazer Jesus conhecido; segundo, testemunho; terceiro, fraternidade. A Igreja será testemunha tanto mais credível do Evangelho quanto mais os seus membros viverem a comunhão, criando ocasiões e espaços para que toda a pessoa que se aproxima da fé encontre uma comunidade acolhedora, que saiba ouvir, que saiba entrar em diálogo, que promova uma boa qualidade nas relações. Assim dizia o vosso santo Bispo aos missionários: «Muitas vezes uma palavra amarga, uma impaciência, um rosto que repele destruirão num momento aquilo que foi construído durante muito tempo» (Instruções aos Missionários, 1668).

Trata-se de viver numa comunidade cristã que se torne escola de humanidade, onde se aprende a querer-se bem como irmãos e irmãs, dispostos a trabalhar, juntos, pelo bem comum. De facto, no coração do anúncio evangélico, está o amor de Deus, que transforma e torna capaz de comunhão com todos e de serviço a todos. Um teólogo desta terra escreveu: «O amor que Deus nos dá transborda em amor (...). É um amor que impele o bom samaritano a parar e cuidar do viajante assaltado pelos ladrões. É um amor que não tem fronteiras, que busca o reino de Deus (...) e este reino é universal» (B. Lonergan, «The Future of Christianity»: A Second Collection: Papers by Bernard F. J. Lonergan SJ, London 1974, 154). A Igreja é chamada a encarnar este amor sem fronteiras, para construir o sonho que Deus tem para a humanidade: serem todos irmãos. Interroguem-nos: Como está a fraternidade entre nós? Os Bispos entre si e com os padres, os padres entre si e com o Povo de Deus: somos irmãos ou concorrentes divididos em fações? E como são as nossas relações com quem não é «dos nossos», com quem não crê, com quem possui tradições e usos diferentes? Este é o caminho: promover relações de fraternidade com todos, com os irmãos e irmãs indígenas, com cada irmã e irmão que encontramos, porque, no rosto de cada um, reflete-se a presença de Deus.

Queridos irmãos e irmãs, estes são apenas alguns desafios. Não nos esqueçamos de que só podemos levá-los por diante com a força do Espírito, que sempre devemos invocar na oração. Não deixemos, porém, entrar em nós o espírito do secularismo, pensando que podemos criar projetos que funcionam sozinhos e com as simples forças humanas, sem Deus. Isso é uma idolatria: a idolatria dos projetos sem Deus. E – uma recomendação ainda – não nos fechemos no «retrogradismo», mas avancemos, com alegria!

Ponhamos em prática estas palavras que dirigimos a São Francisco de Laval:

Fostes o homem da partilha, visitando os doentes,
vestindo os pobres, lutando pela dignidade das populações originárias,
apoiando os missionários cansados,
sempre pronto a estender a mão a quem estava pior do que vós.
Quantas vezes os vossos projetos foram derrubados!
Uma vez e outra voltastes a pô-los de pé.
Compreendestes que a obra de Deus não é de pedra,
e que, nesta terra de desânimo,
havia necessidade dum construtor de esperança.

Agradeço-vos tudo o que fazeis e de coração vos abençoo. E por favor, continuai a rezar por mim.

Homilia do Santo Padre
Catedral de Notre Dame em Québec
Quinta-feira, 28 de julho de 2022

Santos

Por: Camila Santos Pestana.



O amor e a devoção de Santa Terezinha do Menino Jesus à Nossa Senhora do Sorriso

“Porque te amo, Maria
Cedo irei para o céu a fim de lá te ver.
Tu que, no amanhecer da vida, me sorrreste,
Vem me sorrir de novo, ó Mãe!”
Santa Terezinha do Menino Jesus.

Um sorriso lindo na face, aquele que vem da alma e do coração, tem o poder de curar, de alegrar, de transformar nossos dias e nossas vidas, de fazer renascer a alegria muitas vezes adormecida em nosso interior quando esboçamos e recebemos de volta este sorriso tão único e especial. Somos capazes de oferecer e de acolher o sorriso com o olhar, como um abraço que afaga e aconchega naqueles momentos em que está frio e tudo parece triste, sem cor, sem encanto e sem beleza, então o sorriso vem nos aquecer e nos devolver a alegria e a esperança. O sorriso é tão curador que deu a nossa amada Mãe Maria, um título de devoção mariana e trouxe cura para uma santa amada da nossa igreja, Santa Terezinha do Menino Jesus.

Santa Terezinha relatou em seu livro “História de uma alma” que, quando menina, sofria de depressão - doença que hoje em dia afeta muitas pessoas ao redor do mundo - e que na festa de Pentecostes, em 13 de Maio de 1883, quando em seu leito, virou seu olhar para a imagem da Santíssima Virgem e a viu tão linda que nunca vira antes algo semelhante. Sua face exalava bondade e ternura inefáveis. Mas, o que calou a alma de Santa Terezinha e o que fez todo o seu sofrimento ter fim foi o mais lindo dos sorrisos, o da Mãe, a “Virgem do Sorriso”.

Essa invocação começou com seus familiares. Em seguida, ela levou a devoção para o Carmelo de Lisieux onde finalmente foi divulgada em todas as ordens carmelitas e se propagou por todo o mundo. Muitas pessoas por meio dessa devoção têm alcançado a graça da cura da depressão e de outras enfermidades da alma, assim como Santa Terezinha alcançou.

Na festa de Pentecostes, celebramos a vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos, a festa da luz diante das trevas do pecado e da morte, a festa do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, “caminho, verdade e a vida” (Jo 14,6). Neste dia, a festa de Pentecostes teve, para Terezinha, um significado adicional: um milagre operado pela força do Espírito. É possível ver neste exemplo a perfeição da ação de Deus. Pela intercessão materna de Nossa Senhora, graça e alegria que vêm dos céus para a vida dessa amada santa em um dia tão lindo e tão intenso para sua fé.

Meus queridos irmãos e irmãs, Deus nos concede a cada dia verdadeiros milagres, curas e graças, pois, como filhos Seus pelo batismo, somos revestidos pelo Espírito Santo. O exemplo de Santa Terezinha nos faz lembrar que sempre podemos contar com a amorosa intercessão do Imaculado Coração de Maria!

Que cada sopro de nossas vidas seja um louvor ao nome santo do Senhor e da Virgem Maria.

Amém!!!!

Fontes:

<https://pt.aleteia.org/2017/07/10/como-santa-teresinha-deu-inicio-a-devocao-a-nossa-senhora-do-sorriso/>
<https://www.a12.com/jovensdemaria/o-dia-em-que-santa-teresinha-foi-curada-pelo-sorriso-de-nossa-senhora>



Juventude

Por: Giovanna Marie Crystal Novi

A família como vocação

No mês de agosto a Igreja celebra não só o mês das vocações, mas também uma semana especial dedicada às famílias. Por isso, nada melhor do que dedicarmos esse texto para essa vocação tão importante: a vocação à vida familiar.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, a vida em família é a iniciação para a vida em sociedade. É na família que aprendemos a orar, viver em comunidade, agir de forma moral. Cuidando daqueles em nossa casa com amor e respeito, construímos uma sociedade com valores, tornando aos poucos o mundo em um lugar melhor. Dessa forma, como dizia São Paulo VI, cada família pode se tornar uma luz na escuridão do mundo. A família é sagrada, criada por Deus: um verdadeiro presente d'Ele para nós. Exemplo perfeito dessa graça que é a família é o fato de o próprio Deus ter escolhido se encarnar e crescer no seio e no amor de uma família.

A família tem um lugar ainda mais especial na Igreja pois dela nascem todas as vocações cristãs. Tanto as vocações religiosas e sacerdotais como leigas brotam da família, do testemunho e encorajamento dos pais. A vida dos pais precisa revelar aos filhos o amor de Deus presente, os motivando a acolher o chamado do nosso Pai do céu.

Infelizmente, a vivência da vocação familiar parece cada dia mais difícil. Vivemos numa sociedade que não valoriza o amor e a doação de si próprio. Ao contrário, vivemos como se tudo fosse descartável: usamos as pessoas enquanto elas nos servem, visando apenas o nosso bem e satisfação pessoal. No entanto, para viver um matrimônio verdadeiramente católico e durador, é preciso que aqueles que recebem o sacramento estejam dispostos a se doar de maneira incondicional, e que se tornem verdadeiros cúmplices, um buscando a felicidade e santificação do outro.

Para conseguirmos viver a vocação familiar da maneira que Deus a sonhou, precisamos primeiro entender que o matrimônio é uma vocação, e deve partir do discernimento vocacional. Não podemos receber esse sacramento como uma decisão leve, que fazemos de uma hora para a outra, baseados apenas em emoções. Precisamos encarar também a família como projeto, nos preparando e nos planejando para essa vocação. Depois, precisamos estar dispostos a nos doar um para o outro, e a nos ajudar a crescer na fé e na santidade. Precisamos entender que somos chamados a cooperar com Deus no dom de dar a vida a uma nova pessoa, não só no momento da concepção, mas também na educação moral e espiritual dos nossos filhos. Por fim, a vida íntima em família deve transbordar, sendo para o mundo reflexo do amor de Deus. As nossas famílias precisam ser um pilar de evangelização. E por mais que a doação seja o centro de todas as vocações, é necessário que usemos os desafios da vida familiar para nossa própria santificação: para vencermos nosso egoísmo, orgulho, vaidade.

Que o desejo de formar famílias permaneça vivo nos nossos corações, e que descubramos a família como protagonista da evangelização.

Fontes:

<https://santuاريو.cancaonova.com/artigos-religiosos/familia-um-dom-de-amor-pai/>
<https://radio.cancaonova.com/cachoeira-paulista---am/familia-sinal-de-esperanca/>
<https://formacao.cancaonova.com/vocacao/matrimonio/promover-nas-familias-sua-vocacao-missionaria/>
<https://santuاريو.cancaonova.com/artigos-religiosos/vocacao-e-missao-da-familia-na-igreja/>



ASSESSORIA PEDAGÓGICA
E ALFABETIZAÇÃO

A profissional
FATIMA AIDA
atende:

De terça a sexta
das 8h30 às 12:30

Com hora marcada, agende seu horário!
Rua dos Andaraes Nº22, Centro, Santo André

www.avanteaprendizagem.com.br

11 4427-7281
11 4428-3150
11 9621-6460

Mariana Barrile

PROFESSORA DE PORTUGUÊS, INGLÊS E ALEMÃO

Experiência com crianças, adolescentes e adultos na área de educação, incluindo alfabetização e acompanhamento de alunos com TEA e TDAH.

Telefone: (11) 4232-2648
Celular: (11) 97423-2110

Email: mariana.barrile@usp.br



Bolsas - Cintos - Carteiras
Mochilas - Malas - Sacolas

(11) 4232-1366

@ledyscourobolsas
/LedysCourosBolsas

Rua Visconde de Inhaúma 1.111 - SCS

Vocacional

Por: Patrick e Talita Duarte

O Mês Vocacional: tempo de intensificar nossas reflexões e de ouvir o chamado de Jesus, o Bom Pastor



Liturgicamente, no mês de agosto, a Igreja católica no Brasil celebra o mês vocacional. Isso significa que em todo país, nas missas dominicais, faremos memória às vocações: ministério ordenado, vida em família, vida consagrada e por fim, a vocação aos ministérios e serviços na comunidade (domingo em que também celebramos o dia do catequista).

A princípio, você pode estar se perguntando: ora, mas se todos nós somos vocacionados desde o nosso batismo, qual é a necessidade de a igreja promover um mês inteiro para refletirmos sobre as vocações? Ou melhor: leio os textos dessa coluna todos os meses, já sei qual será o meu percurso vocacional. Por que tanta “apelação”? Já sou casado e sou, inclusive, catequista, por quê?

Com efeito, aprofundando-nos um pouco mais nessas questões, diríamos: por que tantos por quês?

Talvez, se tivéssemos a oportunidade de viver uma vida de forma linear, com todos os acontecimentos “programados” para acontecerem da forma e do jeito que esperamos, não seria necessário sequer falar em vocação, plano, ideia ou, na melhor acepção e escolha contextual da palavra: um projeto.

William Damon, professor doutor em psicologia da Universidade de Stanford, disse em um de seus livros que um projeto de vida “é uma intenção estável e generalizada no sentido de alcançar algo que é ao mesmo tempo significativo para o eu e gera consequências no mundo além do eu” (DAMON, 2009, p. 53). Partindo desta reflexão, que ou quais intenções e sentidos você vem tentando implementar em sua vocação? Transitando do contexto psicológico ao contexto teológico: O que Deus quer que eu faça da minha vida ou na minha vida?

Embora possamos achar difícil, fazer ressoar esse diálogo entre a psicologia e a teologia pode nos fazer compreender que o discurso ou a cultura vocacional em uma diocese, paróquia ou comunidade não se trata apenas de um simples apelo ou convite. Para além disso, essas provocações têm o objetivo de acordar os que dormem, levantar os que caíram ou, simplesmente, despertar os que ainda não compreenderam que fé, missão e vocação andam lado a lado.

Foi exatamente essa constatação que Jesus fez ao jovem rico que, mesmo que estivesse observando todos os mandamentos, ainda assim, sentia-se esvaziado de sentido em sua vida. Disse-lhe Jesus: “Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me” (Mt 19,21).

Certamente, ao ler essa passagem, você pode estar se perguntando: preciso vender todos os meus bens? Preciso doar todo o meu dinheiro para a igreja para, no entanto, construir ou assumir minha vocação? A resposta é sim e não. Sim, para você que sente o chamado à vida religiosa consagrada e que deseja professar votos de castidade, pobreza e obediência para viver em comunidade e da providência com os irmãos e irmãs. Não para você que já é casado (ou que sente esse chamado) e que deseja construir uma vida em família sendo dizimista, participando das obras da caridade da comunidade paroquial sendo assim, um seguidor dos passos de Jesus.

Porquanto, é muito importante que tenhamos concepções verdadeiras, contextualizadas e que tenhamos certeza do que é o que espera de nós a nossa Santa Igreja. Ser Cristão, vocacionado ou vocacionada, exige compreensão das dimensões da fé e da razão. Um homem não se torna padre apenas por “gostar do altar das vestes que um padre usa”. Uma mulher não assume a vida religiosa por “não se encaixar no modelo de vida secular”. Um casal não celebra o sacramento do matrimônio perante seus familiares e a comunidade apenas para “atender uma exigência dos pais” ou “por achar a igreja bonita para tirar fotos”. Um agente pastoral formador não pode se doar ao ministério de catequista sem que antes tenha compreendido “a necessidade de metodologias e instrumentos criativos que tornem o anúncio do Evangelho coerente com a transformação missionária da Igreja” (Antiquum ministerium - 5).

Desse modo, reiteramos o convite à reflexão. Faça do mês de agosto um período voltado a busca por respostas às suas inquietações. Além de procurar o Serviço de animação vocacional da paróquia, procure conhecer mais de perto os pormenores, o dia a dia das pessoas que já assumiram o propósito que você pretende assumir. Que a cada domingo, possamos refletir não apenas a nossa vocação. Mas que tenhamos empatia e busquemos cada vez mais, compreender os sentidos e as razões do chamado especial que cada qual assumiu em sua vida diante de Cristo, o Bom Pastor.

Perseverança, fé e coragem. Sigamos sempre juntos nessa caminhada.

Referências:

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins. São Paulo: Paulus, 2012. Edição Pastoral.
DAMON, W. O que o jovem quer da vida? Como pais e professores podem motivar e orientar os adolescentes. São Paulo: Summus, 2009.
FRANCISCO. ANTIQUUM MINISTERIUM – Carta apostólica. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/motu_proprio/documents/papa-francesco-motu-proprio-20210510_antiquum-ministerium.html

Aniversariantes Dizimistas



Aniversariantes de maio de 2022. Que a felicidade esteja com vocês durante todos os anos de suas vidas!

Adriana Miranda
Andre Miranda
Alessandra Rodrigues Silveira
Almelindo Zanutto
Ana Carolina Moro
André Ferreira Dos Santos
Andréa Aparecida L. Alvares
Angela C. C. Artigiani
Antonia Dos Santos Reis
Aparecida Gomes De Araújo
Araceli Bueno
Ariane G. De Almeida
Benedita Antonia Estevão
Cordeiro Souza
Claudio Manoel Pestana
Cleonice Ferreira Sena
Dolores Cassola Moreira
Doralice Tenório Scapin
Douglas De Oliveira Moura
Elaine Aparecida Perrella
Elaine Regina Tedesco
Eliana Ap Aranão Ribeiro
Eliane Cerigatto Martins
Eliane Pereira De Souza
Elza Josefa De M. Tsuda
Eunice Aparecida M Ricci
Fabiano Magaroto
Flávia Herrera Pezzo

Francisco Mario Silva
Fulvio Medeiros P. De Goes
Genoveva Olivier Barbaroto
Gloria Azevedo Fabio
Graciene P Brito
Helena Martins Da Conceição
Ivone Pereira Da Silva
José Cordeiro De Souza
José Eduardo De Oliveira
José Rubens Asencio
José Rubens Elias
Josineide G. Da S. Oliveira
Leandro Rocha Santos Pedro
Lorena Paulino Rodrigues
Lucie Holanda Leite De Brito
Luigi Cerigatto Martins
Luzia N. Do Nascimento
Maili Branco Marini
Márcia Aparecida Mendes
Marcos Zevzikovas
Maria Alice Oliveira Souza
Maria Alves Cordeiro
Maria Antônia Voga
Maria Ap. De Jesus Poccia
Maria Aparecida De Sordi
Maria Aparecida Nogueira
Maria Assunção A. Da Silva
Maria Eunice A. Monteiro

Maria Gilvanete R. L. Da Silva
Maria Leonor Ravelli Bernardi
Marilena S. Orphão
Marilene Paladino Rosa
Marinalva Silva Araujo
Marlene Pedraza Martinez
Marluci Carlos Souza Scaquetti
Nadia Lais De O. S. De Matos
Natalia Paladino Rosa
Neide Jubilato Ferreira
Neusa Maria Bisutti Tezotto
Nilsa De Souza Passos
Pâmela Chistina E. Garcez
Pedro Menino Leite
Rita Maria Brito De Melo
Romilda Gorla Suhadolnik
Rosa Maria Salin Augusto
Rosemeire H. Rodrigues
Rubia Lima Ferreira
Selma De Amorim Silva
Simone Félix Da Silva
Vagner Bernardes
Valdirene Maria B Vera
Vita Lourenço Ortega
Yvone Ascêncio Pires
Zelia Rezende Dorneles Dias
Zilda Nicolella Bernardi

Caro Dizimista, caso seu aniversário não esteja constando na lista acima, procure a secretaria da Paróquia para fazer a atualização dos seus dados cadastrais.

Expediente

Direção

Pe. Felipe Cosme Damiano Sobrinho

Coodenação

Felipe Villa e Vanessa Pó Villa

Colaboradores / Projeto Gráfico

Pastoral da Comunicação

Diagramação

Vinicius Fortuna Accorinti

Paróquia Nossa Senhora da Candelária

Rua Castro Alves, 781

Bairro Oswaldo Cruz

São Caetano do Sul - SP

 www.nscandelaria.org.com

 secretaria@nscandelaria.org.com

 11 4221-2853

 /nscandelaria.scs

 @nsracandelaria

 /c/nscandelaria



Espaço das Crianças



Para pintar



Família